

O sexo e a morte asseguram a evolução das espécies **3**

Patrícia Espírito Santo*

Ser um organismo vivo pressupõe, em via de regra, nascimento, reprodução e morte. Mas, desde que Darwin postulou a teoria da evolução, no século passado, tomou-se a consciência de que esses três atos da vida só acontecem em seres que possuem um verdadeiro núcleo: os eucariotas.

Até que estes seres complexos surgissem, o planeta era povoado por formas vivas elementares, as bactérias ou procariotas. O ciclo de vida desses seres é simples. Sua reprodução é feita pela divisão celular. Ao atingir um certo tamanho, a célula se divide em duas, que crescem separadamente e, mais tarde, também se dividem e assim continuamente.

O procariota não necessita do outro para se multiplicar. Faz uma reprodução solitária, assexuada. Isto faz com que, de certa forma, ele goze da imortalidade, uma parte de seu organismo estará sempre presente no mundo. Porém, o impede de ser um indivíduo, ele não se distingue em relação aos outros organismos da espécie à qual pertence, são idênticos uns aos outros.

Para o procariota, não existe a morte natural, apenas a morte por algum efeito externo, como alguma interferência hostil do meio ambiente.

* Jornalista, pós-graduada em Educação Sexual pela SBRASH.

Recebido em 25.07.99

Aprovado em 05.08.99

A “imortalidade” pode estar assegurada, mas esses seres não “saem do lugar”, ou seja, não evoluem, estão fadados ao imobilismo. Este tipo de reprodução assegura apenas a conservação da espécie.

A individualização, em termos de estrutura corporal, está presente nos organismos que se reproduzem sexualmente, que possuem gametas sexuais, células reprodutoras masculinas ou femininas. Ao se fundirem, os gametas dos dois sexos dão origem a um ovo, uma célula única. Nenhuma outra será igual a ela, isto porque os gametas que a formaram possuem cargas genéticas variáveis que permitem inúmeras combinações. E é exatamente esta variedade de combinações que torna a reprodução sexuada capaz de adaptar os organismos às modificações do meio ambiente onde vivem.

A sexualidade não multiplica os indivíduos. Ela viabiliza o remanejamento do seu patrimônio genético, dando origem a uma nova vida, distinta, indivisível, portanto mortal. Animais que procriam morrem, o que torna a morte inseparável do sexo e da individualidade. Para Michel Foucault, *a morte é o preço que, pagamos pela individualidade. E o sexo é o meio pelo qual a individualidade se desenvolve e é conservada*².

Por ser racional, apenas a espécie humana tem consciência de que um indivíduo nasce, se reproduz e morre; reconhece a sua finitude no tempo e no espaço. Só o homem é capaz de projetar-se no futuro, ao contrário dos animais irracionais que têm somente consciência do perigo imediato, fato que os leva a agir por instinto.

O homem sabe que seu corpo se transforma ao longo da vida. O corpo da criança adolece, amadurece e envelhece. Se o curso natural for seguido, o homem morre quando atinge o máximo de sua competência. “Desaparece” quando soma um número imensurável de conhecimentos. Seria justo?

Sabemos que somos filhos do sexo e da morte a que a morte, salvo por acidente, não é repentino. O ser humano ‘maduro’ dá lugar ao jovem através da procriação e do repasse de seus conhecimentos e habilidades; a morte dos mais velhos abre espaço a outras visões e ao desenvolvimento de novas idéias, muitas vezes, baseadas nas antigas. Para Jaques Ruffié, *a existência de uma faculdade de comunicação lógica permitiu ao homem, desde muito cedo, colocar os seus conhecimentos em comum, primeiro por tradição oral depois fixando-os na escrita. Seu volume constituiu a cultura. O cruzamento das gerações, devido à longevidade humana, favoreceu a transmissão cultural e, portanto, sua expansão*¹.

A imortalidade mais familiar ao homem é a religiosa, que prega a vida após a morte. Ele é mortal, porém sua alma é eterna. Já a visão da imortalidade não teológica reside na possibilidade de deixar registros de

sua existência no mundo; através dos filhos de seus filhos, o homem acredita estar deixando um pouco de si, significa ser lembrado pelos seus atos por pessoas que jamais conheceu ou ser reverenciado, como um ancestral, por seus sucessores na cadeia familiar. Há também a imortalidade alcançada pelas obras realizadas em vida.

A natureza é onipotente sobre o homem em relação ao sexo e a morte. Esses são os tributos que pagamos pela nossa evolução, que nos torna superiores à uniformidade dos outros animais.

Vivemos com muitos objetivos. Não nos contentamos em manter-nos apenas vivos. Necessitamos nos expandir. A energia que o corpo humano consome, através da transformação dos alimentos e do oxigênio, num primeiro momento, é canalizada para o crescimento, o desenvolvimento do corpo e do organismo. Quando o crescimento atinge seus limites naturais, os níveis de energia excedem e ela passa a ser canalizada para outros fins. No caso dos procaríotas, isso assume a forma de um modo assexuado de reprodução, a simples divisão celular. Nos homens, o excedente de energia é descarregado na função sexual, como descreveu Wilhelm Reich: *maturidade significa que a energia que (interiormente era necessária ao processo de crescimento está então disponível para ser descarregada através da função sexual*³.

Os animais irracionais se unem na relação sexual por instinto, para que ela lhes dê descendentes perpetuando suas espécies. Alguns têm o tempo de vida limitado a um único acasalamento. Na comunidade das abelhas, o zangão, macho reprodutor, morre após cumprir a missão de fecundar a rainha. Já entre os peixes, o salmão morre logo após a desova.

O ciclo de vida oferece muitas oportunidades de acasalamento entre outras espécies animais. A maioria dos vertebrados só se acasala em determinada época do ano, quando ocorre o cio da fêmea. O resto do tempo, machos e fêmeas convivem lado a lado sem o “desejo” de procriarem.

Apesar de polêmico, não há como negar que o comportamento sexual humano vai muito além da função reprodutiva. Como ser racional, ele tem sentimentos, desejos. O sexo envolve atração, excitação, jogo de sedução, fantasias, escolhas. O acasalamento exige um contato físico, íntimo. Qualquer que seja o período do ano, homem e mulher podem estar dispostos a um encontro.

Joaquim Motta comenta, em seu livro “O Orgasmo Sentimental”, que *a atração sexual originalmente orientada para a reprodução biológica, seria o embrião do amor, que se desenvolveria, até uma fase mais avançada, integralmente aprofundada no campo sentimental. Dessa nova*

*base reprodutiva animal, desenvolveríamos todo o infinito contingente de encontros humanos prazerosos e afetivos*⁴.

Sabe-se que os laços que unem os seres humanos são, sobretudo, de ordem cultural e dependem mais da sua educação do que do património biológico. O homem escolhe seu objeto sexual, é flexível, “criativo”, canaliza o apetite sexual de diversas formas. Para Ernest Becker, o homem não quer ser um mero animal fornicador como qualquer outro. *Ele quer ser um herói cósmico, com uma especial contribuição para o universo isso é o significado para a vida no mundo*⁵.

Quando o sexo reverte o processo de individualização

Está claro que o sexo é um fator imprescindível para a individualização e que morremos porque somos indivíduos, temos uma estrutura singular. Porém é a própria sexualidade que inverte o nosso processo de individualização. Perdemos o sentido de nós mesmos quando mergulhamos no outro ser durante o ato sexual para depois retornarmos como indivíduos. A sexualidade é a antítese da estrutura. Devolve-nos à fonte de nosso ser, a célula única da qual proviemos². O sexo representa a conscientização da espécie e, como tal, a derrota da individualidade⁵.

*O corpo de minha companheira deixa de ser uma forma e converte-se numa substância disforme e imensa na qual, ao mesmo tempo, me perco a me recobro. Nós nos perdemos como pessoa e nos recobramos como sensações. À medida que a sensação se faz intensa, o corpo que abraçamos se faz mais e mais intenso... O abraço carnal é o apogeu e a perda do corpo. Também é a experiência da perda da identidade, dispersão de formas em mil sensações e visões... Só podemos perceber a mulher amada como forma que esconde uma alteridade irreduzível ou como substância que se anula e nos anula*⁶.

Octavio Paz⁶ nos lembra de que, ao nascer, fomos arrancados da totalidade; no amor, sentimos-nos voltar à totalidade original. Por isso, as imagens poéticas transformam a pessoa amada em natureza - montanha, água, nuvem, estrela, selva, onda, mar. É uma reconciliação com a totalidade que é o mundo.

Vivemos assim como num vai e vem entre o ser único e o ser dentro de um todo; o ser individual e o ser parte de um social. A nossa noção de indivíduo esbarra também com a de liberdade. O ser humano, que havia deixado de ser a cópia da divindade, agora também deixa de ser um resultado da evolução natural e ingressa na ordem da produção industrial: é uma

fabricação. *Esta concepção destrói a noção de indivíduo e assim ameaça os valores e crenças que têm sido o fundamento das civilizações e das instituições sociais e políticas. Nossa tradição acreditava que cada homem e cada mulher eram um ser único, "irrepetível"; nós, os modernos, os vemos como órgãos, funções e processos*⁶.

Referências Bibliográficas:

1. RUFFIÉ, J. O. *O sexo e a morte*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988.
2. FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Volume 11, 7ª edição, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1994.
3. REICH, W. *A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica*. São Paulo, Círculo do Livro, 1989.
4. MOTTA, J. Z. B. *O orgasmo sentimental*. São Paulo, Iglu Editora, 1995.
5. BECKER, E. *A negação da morte*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1995.
6. PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. 2ª edição, São Paulo, Siciliano, 1994.